

Sobre um outro Marighella

ENTREVISTA

Em entrevista, Carlos Pronzato fala de sua opção em abordar aspectos políticos do guerrilheiro

Achile Lollo
correspondente em Roma (Itália)

CARLOS PRONZATO é um dos poucos cineastas que faz documentários com base na lógica política de sua longa militância que o levou atoda América Latina e que hoje investiga e filma, sobretudo no Brasil, suas lutas sociais, sua cultura, sua história. Foi neste âmbito que Pronzato ficou quase hipnotizado por Carlos Marighella. Não só pelo seu sacrifício heróico, mas pela extrema dedicação que o líder da ALN aplicou na criação da ênfase revolucionária da guerrilha urbana e assim começou a derrotar a ditadura militar.

A importância desse documentário é a severa investigação sobre o processo político, organizativo e estratégica da Aliança Libertadora Nacional (ALN) que Marighella promoveu e organizou morrendo como um guerrilheiro. Mais que um “bang-bang paulistano” ou um dramalhão de muitas imagens, mas pouco conteúdo, o filme de Pronzato é uma página de história real, falada e comentada por quem a viveu. É uma tentativa de explicar às novas gerações que a democracia não veio de graça. É um documento que evidencia e revela porque houve sempre uma “outra” história que os poderosos querem manter no silêncio.

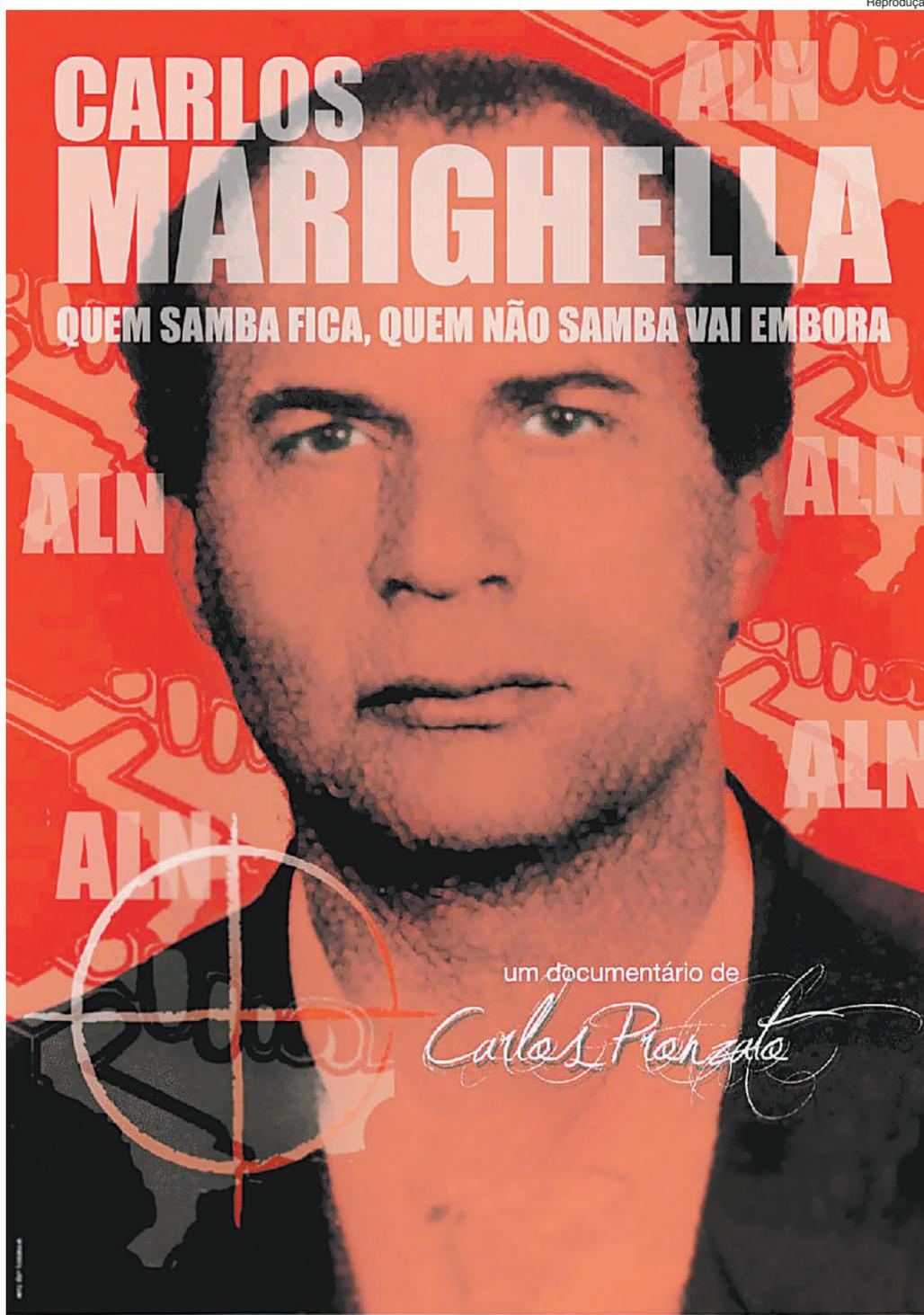
A maioria dos filmes e os documentários sobre os movimentos guerrilheiros não abordam as questões estratégicas e organizativas, mas preferem focar o drama da derrota ou o romantismo do líder. Por que você fez o contrário abrindo uma janela sobre a história da ALN?

Carlos Pronzato – Minha intenção foi colocar a lente na organização que Marighella criou, a ALN e as suas características. O documentário tem uma estrutura cronológica que inclui uma análise sobre o foquismo (teoria revolucionária inspirada por Che Guevara), que na época, e também agora, suscita acalorados debates. O professor de História Muniz Ferreira me disse depois de estréia que nunca tinha visto discutir o tema da luta armada em um filme. De fato, eu decidi abordar esse tema porque o foquismo, influenciou os fundamentos operativos da luta armada contra a ditadura e, por isso, dividia os atores da época. Por exemplo: a ALN era acusada de ser foquista pelas suas ligações com Cuba. Mas foi justamente no intuito de penetrar a engrenagem estratégica da guerrilha, e de revelar o ângulo fundamental da resistência à ditadura que o filme se afasta em determinados momentos da figura central. Inclusive porque um tema tão espinhoso quanto esse criou uma falsa disjuntiva com a organização popular, com a denominada luta de massas e é por aí que muitos criticam os grupos que se alçaram em armas, quando no fundo o foquismo era um processo evolutivo possível naquelas circunstâncias repressivas para se atingir o mesmo objetivo popular. Por isso, Marighella afirmava que “o objetivo de atuar onde quer que haja massas é desencadear e apoiar as lutas e a combatividade destas massas”. Portanto, no documentário se aborda, também, a formação dos Grupos Táticos Armados (GTAs) e o modelo organizativo, político e militar da ALN. Por isso, pode parecer que o filme é mais sobre a organização guerrilheira e não só sobre Marighella. Porém, como me disse Frei Betto, eu acho que não se pode falar de Marighella sem falar do processo político, ideológico e organizativo do movimento guerrilheiro que ele concebeu e implantou no Brasil para lutar contra a ditadura.

“Falar desses personagens, hoje, é também uma tentativa de enfrentar o pensamento hegemônico”

Ao fazer um filme sobre uma personagem que uma parte da sociedade quer ignorar por ser um comunista e outra ainda o odeia por ser um terrorista, não teve medo ou receio de dever suportar ataques e críticas pelos amantes da “ordem” e do antigo “Ama-o ou deixa-o”?

Vou responder com a famosa frase de Marighella- e que não foi apenas uma frase: “não tive tempo de ter medo”,



porque o trabalho de investigação para realizar meus filmes sobre Che Guevara, Salvador Allende, Madres de Plaza de Mayo, e agora Carlos Marighella, na realidade são uma tentativa que visa amplificar essas vozes e seus gestos políticos na árdua luta contra a repressão e a opressão. Falar desses personagens, hoje, é também uma tentativa de enfrentar o pensamento hegemônico e, assim, contribuir para a desinformação histórica, o esquecimento político e, sobretudo, a manipulação feita pelos os setores mais conservadores e retrógrados da sociedade. Houve sim, por artigos que escrevi sobre o tema, mensagens agressivas, mas são, talvez, as últimas mensagens de quem foi derrotado pela História.

Marighella, Lamarca e o argentino Roberto Santucho, além de serem comunistas eram filhos do fluxo migratório italiano que contribuiu para introduzir no Brasil, Uruguai e Argentina os ideais do anarquismo e do socialismo. Essa herança e do tribalismo em fortalecer em Marighella a vontade em lutar contra um regime militar tão poderoso e repressivo?

O pai, Augusto Marighella, era um imigrante italiano anarquista, casado com uma negra baiana, Maria Rita, descendente de um dos povos africanos dos mais resistentes, os haussá, o que deve ter contribuído para estru-

turar seu porte de homem contestador e rebelde. Essa herança dos movimentos imigratórios europeus e principalmente italianos que fertilizaram o continente com suas práticas revolucionárias e principalmente com suas ações diretas, para alguém como Marighella que vivenciou esse mundo explosivo ainda criança e adolescente, já no próprio lar, com certeza deixou marcas indelévelis no seu caráter de militante comunista do PCB e de líder guerrilheiro da ALN.

“Acredito que os anos da luta armada obrigaram a ditadura a mostrar sua verdadeira cara, favorecendo assim o despertar da contestação política”

Porém quero lembrar que sua pregação para organizar a resistência armada começa em 1964, logo após o golpe cívico-militar sustentado pelos EUA e as multinacionais. Neste âmbito, ao estruturar os grupos armados da ALN, Marighella introduziu a horizontalidade e a autonomia (tendências mais afins com organizações anarquistas) e, embora na ALN houvesse um comando geral, Marighella disse claramente que “não é preciso pedir licença para praticar atos revolucionários”. Claro que isto só era possível em nível tático, como forma de se resguardar das ações repressivas, já que de uma ou outra o comando geral se mani-



O cineasta argentino Carlos Pronzato

festava, mas não sempre, como de fato aconteceu no episódio do sequestro do embaixador americano quando ele não ficou ciente da ação previamente.

Que impressão você teve em estudar a vida de Marighella que dedicou os últimos anos de sua vida na construção do processo revolucionário e na ênfase da guerrilha?

O *Manual do guerrilheiro urbano* que Marighella escreveu e que foi traduzido em diversos idiomas foi extraordinário aporte teórico para todas as organizações que, na época optavam por enfrentar as ditaduras. No filme se discute justamente isso, porém a conclusão a que se chega é que a função principal do manual era propor a prática da luta armada e isso influenciou muitos jovens. Por outro lado, no filme dei muita atenção a dinâmica política que conduziram Marighella a ter um trato direto com o povo durante os trinta anos de militância no PCB – incluindo longos anos de prisão, uma firme atuação na tribuna parlamentar a partir de 1946 e, a partir de 1964, quando amadureceu a opção pela luta armada.

Isso tudo o marcou a fogo na História do Brasil, remarcando sua coragem e o compromisso político e autêntico com o conceito de revolução. Essa é a minha impressão, acredito que os anos da luta armada obrigaram a ditadura a mostrar sua verdadeira cara, favorecendo assim o despertar da contestação política pela “volta à democracia”.

“O cerne político do filme, é o homem que se dedica a organização da luta armada depois da instalação da ditadura no país”

Quando a imprensa fala de Marighella, normalmente publica a foto do fuzilamento no carro ou das torturas recebidas. Não acha que a imagem do fuzilamento de Marighella, ainda hoje seja um instrumento de manipulação coercitiva contra quem contesta o sistema capitalista?

De fato temos duas leituras dessas fotos. Por um lado há intenção de provocar rejeição a qualquer tentativa de modificar situações sociais injustas, seja pela via individual ou coletiva. Mas esse tiro midiático da imprensa hegemônica a serviço dos grandes interesses financeiros continua saindo-lhe pela culatra desde a famosa fotografia do Che morto com seus olhos abertos, estendido como um Cristo na lavanderia do Hospital de Vallegrande na Bolívia. Esta é a segunda leitura visto que milhares e milhares de militantes continuaram avançando contra o muro da ignomínia das ditaduras ao redor do planeta depois da morte do Che e a opção de Marighella foi uma confirmação.

Diversos estudos enfocam mais o “homem-Marighella”: deputado, homem de família, intelectual, amante da vida, da música popular. Pode explicar como se afirmou em Marighella a decisão de dedicar sua vida ao movimento de libertação através da guerrilha?

No filme abordamos também as características familiares de Marighella tal como o gosto pelo carnaval, o popular, a poesia e outras facetas pessoais pouco apreciadas pela ortodoxia “soviética” do apelo PCB, mas que foram importantes elementos libertários de subjetividade e autonomia na hora de assumir sua opção de resistência.

Porém, o cerne político do filme é o homem que se dedica à organização da luta armada depois da instalação da ditadura no país. Esse é o grande gesto histórico e heróico de Carlos Marighella que é também uma consequência da desilusão com os caminhos imobilistas adotados pelo PCB após o golpe, sem esquecer as contradições que surgiram após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, as revelações sobre os crimes stalinistas e, sobretudo em 1967, quando foi expulso do PCB depois de sua participação em Havana, na Organização Latino-americana de Solidariedade (Olas). De fato, no livro *Por que resisti a prisão*, onde Marighella relata o episódio da sua prisão no cinema da Tijuca em 1964, pouco depois do golpe, aparece com muita clareza o fermento político dele e que em breve se traduziria no confronto com as diretrizes do Partido para a efetivação do caminho das armas na tentativa do resgate da democracia.

Achile Lollo é correspondente do **Brasil de Fato** em Roma editor do programa de TV Quadrante Informativo.